

## Marcello Giovanni Tassara

*Universidade de São Paulo*

---



---

Graduado em física (IFUSP), publicitário (ESPMS) e Doutor em Artes (ECAUSP); professor co-fundador do Curso de Cinema e do primeiro laboratório de mídias digitais na ECAUSP; introdutor dos estudos universitários de Cinema de Animação no Brasil; professor visitante e condutor de pesquisas na França, Itália, Espanha, México e Reino Unido; realizador de cerca de 70 filmes; vencedor de prêmios no Brasil e no exterior.

---

cv: <http://lattes.cnpq.br/3530871747168028>

E-MAIL: [mgtassara@uol.com.br](mailto:mgtassara@uol.com.br)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6671-7969>



# Cidade do branco adeus *opulentia populorum*

---

Marcello Giovanni Tassara  
Universidade de São Paulo

A maior parte da civilização é baseada na covardia.

FRANK HERBERT (*DUNA*)



- Exon!... Exon!... Você 'tá aí, não 'tá?...

A doce voz feminina suplicava.

- Exon... Onde você 'tá, hem? Onde?... Responde, pô!...

A mulher dobrou a esquina da rua deserta. Desviava, com relutâncias de graça, os pés descalços das pedras soltas e machucantes do

chão. No rosto, beleza quase selvagem. Cabelos escuros, sem penteado, derramados até a cintura. Roupa rasgada mostrando corpo magro. Seios nus, só cobertos por um colar jeitoso, feito de relógios de pulso enferrujados: rescaldo de vaidade. Tempo ao seu redor parado.

...

...

Cidade velha e grande. Ermo inteiro de cimento branco. De poeiras brancas. Cidade abandonada, deixada feito herança desdenhosa para os despossuídos: aqueles que ficaram para trás na grande marcha que aconteceu. Sobras-sombras das hordas desfiguradas pela fome e pelo medo. Cidade velha e grande, onde a sobrevivência é maldição.

...

...

Ela se deteve diante de um prédio alto. Mãos em concha, gritou com seus pulmões pequenos.

- Exxxo-o-o-o-o-o-on!... Você 'tá aí em cima?...

Uma vidraça quebrada caiu do lado de dentro, respondendo. Depois, o eco. Depois, nada. Continuou caminhando. Destroços, asfalto rachado. Valetas abertas, mostrando as entranhas da cidade morta. Lençol de pó branco, tal mortalha, cobrindo vergonhas que a História esquecida esquece.

Cansada, ela sentou-se no banco de um automóvel sem rodas nem portas, todo também coberto. Descanso que era desesperança. De-

pois continuou a caminhar, chamando. Voz fraca de dar dó. Altivez impedindo lágrimas.

- Exon! Onde é que você se meteu?! Exo-on!...

...

...

Pó eficaz e poderoso, exterminador do perigo e do futuro. Desinfetou a cidade e acabou com a epidemia imensa que se espalhou pelo mundo. Acabou com os doentes incuráveis que caíram feito moscas... Inseticida de gente. Nem ervas daninhas havia mais por lá. Poucos alguns despossuídos, os mais fortes, só entonteceram com a violência do desinfetador, mas não lograram fugir - prisioneiros da cidade esbranquiçada. E o resto do mundo a refazer-se novo. Ou continuando velho. Em outros lugares. Triste. Molhado de lágrimas. Algumas doídas, outras fingidas. E vieram as patrulhas de resgate para recolher sobreviventes: pequeno remorso da grande civilização.

...

...

Sol indo embora. Pânico em começo. A mulher alcançou uma rua de casas baixas e viu uma sombra alongada que parecia chicoteá-las feito algoz: primeiro indício de alma alguma. Brilho em seus olhos bonitos.

- É você, Exon safado?!... Me espera!... Sou eu!... Sou eu, me espera-a-a-a-a!!!...

Correu aflita. Alcançou o homem de trajes remendados, magro como ela, barbas como as de um Cristo. Embornal nos ombros, mostrando contrariedade.

- Gessy... pô! Tantas quantas vezes já não te disse que é p'ra não vir atrás de mim quando 'tô fazendo compras?...

- É o garoto... é o garoto... que pegou a febre da poeira branca! Nós fazer o quê?...

Exon parou. Seus olhos também pararam, sem nada enxergar ao redor. Viraram puro enfezamento e indignação. Esmurrou o vento como doido. Em silêncio. Parou. Esmurrou de novo. Parou. Continuou esmurando. Quietou longamente da doideira e sentou-se, ofegante, sobre uma banca de jornais tombada. Aí, respondeu com toda decisão.

- Já sei! Vamos comprar remédio!

Entraram em uma farmácia em ruínas. Quatro mãos aflitas remendo as drogas apodrecidas nas gavetas. Descobriram um frasco, metade cheio com um líquido espesso-escuro dentro de uma embalagem toda escrita.

- Gessy, este remédio é maneiro. Deve servir. Vamos comprar!

- 'Tá bom!... Então, paga e vamos s'embora!...

O homem tirou um livro - um Bradbury - de dentro do embornal, arrancou uma folha e depositou-a sobre um balcão empoeirado. Ele não sabia ler, mas sabia que lá ficava o caixa porque, acima,

havia uma cruz meio deitada entre poucas outras letras: o “X” da palavra. Sairam levando o frasco e caminharam apressados dentro do fim da tarde. Foi quando, um tanto meio no afastamento, viram a imagem esguia de uma garota riscando as terras brancas com um cajado pontudo. Feito uma Anchieta pequena das areias secas.

- Exon, olha!... É Xeroquinha! O que é que ela ‘tá fazendo, tão longe lá de casa?

- Sempre repetindo o mesmo rabisco no chão... Tantas vezes que já não tem mais número p’ra contar.

- Vamos levar ela p’ra casa com a gente...

Gessy já ia correndo para chamar Xeroquinha, mas Exon deteve-a bruscamente pelo braço.

- ‘Tá louca, Gessy! Vem cá! Vem cá! Vamos é s’esconder depressa!

Gessy ficou primeiro zangada depois assustada.

- Por quê??...

- Você não escuta, não? ‘Tá surda? É um ovo-de-anjo que ‘tá vindo p’ra cá e já vai chegar!

Devagar, um ronco distante crescia, ferindo o silêncio que se preparava para dormir com a noite.

- Gessy... depressa... vem... ele ‘tá quase aqui!

Refugiaram-se no andar térreo de um edifício em quase destruição, de onde tudo viam sem serem vistos.

- Exon... “Tô com medo!

- Cala a boca, mulher! É só não fazer barulho. Fica só quieta-escondida, escutando-olhando.

O ovo-de-anjo era um veículo aéreo muito azul-prateado. Desceu do céu, perto de Xeroquinha que nem ligou. Ela continuava a escrever seu poema comprido de uma letra só: era o “X”, o mesmo da caixa da farmácia e de seu nome, escrito eternamente. Eterna multiplicação sem juízo.

Uma abertura se abriu no ovo, era como casca quebrar. Dentro havia dois seres (quem quiser que acrescente: *humanos*): uma fêmea e um macho, enfiados em roupa azul atrasparentada e muito estirada. Sairam a andar, lentos, na direção da garota. Gessy repetiu.

- O medo meu é muito!...

- Você é boba. E vê se fica quieta, senão nós também vamos juntos... O velho disse p’ra mim que quando os anjos-feios pegam alguém não tem jeito! Eles levam mesmo... Vão levar Xeroquinha lá p’ra terra deles... A Terra Feia.

Uma lágrima quebrou a altivez de Gessy. Ela procurou os ombros contraídos de Exon que, diante da mágoa da companheira, reagiu levantando os punhos na direção dos anjos.

- Qualquer dia eu vou lá e enfrento eles na porrada!

- Faz isso não! Por favor! Promete! Se o velho disse que não tem jeito, não tem jeito!... Eles levam você... e aí como fico eu?

E os anjos-feios levaram Xeroquina.

...

O resto da caminhada foi na calada e na claridão pouca. Somente a Lua recortava suas figuras esguias. Exon movia-se por escombros e poeiras com a agilidade das ratazanas que sobreviviam aqui e acolá. Ela, mão dada, seguia-o como podia.

- Falta muito? 'Tô cansada!...

- Você quis vir atrás de mim, agora 'guenta!

Finalmente, uns luzires distantes. Meia-dúzia, não mais ou menos mais. Tênues como as estrelas.

- Olha lá, Gessy, a Universidade... Já 'tamos chegando!

Pés devorando os passos. Cruzaram as hortas cultivadas rusticamente e alcançaram a comunidade. Phililcus já esperava na porta.

- Vamos logo! Hilton-Pequeno não 'tá muito bem, não... Helenarrubinstâim toma conta dele!

Entraram apressados, ansiosos, tensos. Atravessaram a antiga Sala da Congregação, onde um grupo de pessoas assistia tevê. Mas era sem cor e sem imagem sequer. Sem eletricidade. Era hora de assistir e ninguém contestava o costume que já andava com grande tempo.

Os três chegaram-se onde estava o garoto. Um semáforo quebrado, feito candeeiro, iluminava aquilo que fora sala de aulas ou, quem sabe, gabinete de um reitor qualquer, distante em uma delonga qualquer. Helenarrubinstâim, a anciã meio-orate, sentada no *sidecar* de uma moto quebrada e, de costas para o menino, penteava desajeitadamente os longos cabelos brancos como a cidade. Velhos como o mundo. Ele, deitado, sono-não-sono, gotas na testa refratando a luz que era muito esquálida.

- 'Tô com frio.

Helenarrubinstâim, sem interromper seu trato, sem virar-se, sem mudar de cara.

- Não compreendo... Tão coberto...

Gessy apressou-se ao menino. Acariciou-o com as mãos quentes de amor. Amor impotente, mas que sempre teima em ser, simplesmente ser, mesmo quando isso já é tudo o que pode ser.

Acabou a hora da tevê e os outros foram também chegando para ver o garoto. Presépio ao contrário. Phililcus falou.

- Exon comprou remédio... Vai chamar velho Grandefed p'ra dar conselho. Só ele sabe ler.

E Phililcus saiu junto.

...

Grandefed era velho tanto. Também cabeça branca como a cidade.

Esfarrapado. Morava sozinho no que restava da biblioteca, tinha muito papel e por isso era muito rico. Seus livros guardavam coisas lá dos idos passados... e tinha um que ensinava uma urdidura escrita *hegemonia*, sem sentido mais nenhum naquele mundo cheio de desmemórias. Grandefed enraiveceu ao saber da doença de Hilton-Pequeno.

- Febre, hem?!... É este lugar infernal!... Eu estou farto de dizer que este lugar é amaldiçoado! Ah!...Mas vocês não me ouvem, insistem em ficar aqui... Estão todos loucos! Todos imbecís!...

Phililcus falou.

- Mas... Grandefed... é este, só, o sítio que tem terra p'ra plantar... Se a gente sair daqui... viver do quê?!

O velho lembrou-se dos livros que não podia carregar consigo e com os quais comprava seu alimento sem trabalhar. Uma folha de Shakespeare por uma folha de alface, uma folha de Einstein por uma roda de tomate. Ponderou. Mudou de assunto.

- Pega minha bengala! Depressa!... Vamos ver Hilton-Pequeno!

As mulheres fizeram reverência quando Grandefed entrou. O menino, tristonho, brincava com uma gaiola de vidro onde umas baratas se agitavam. Estranhos insetos que tudo suportam. Bichos obstinados, mais do que os homens do planeta desditoso.

- Vem, vem... Sheltoxina! Corre, NeoCidinha!...

Elizabethardente foi quem interrompeu com muito jeito o pasmo das

pessoas, ao verem o garoto adormecer e soltar a caixa no chão.

- Psssss...

Alguém falou baixo.

- Grandefed... Exon comprou remédio...

- Remédio?!... Deixa eu ver... Idiotas! Essa droga tem mais de sessenta anos!... O que é que pretendem?? Dar pressa ao anjo negro?!...

Intuição é quase certeza. Certeza é dor profunda. As palavras do velho amarraram um nó apertado no coração de Gessy. Exon empertigou-se.

- Dar pressa?!... O quê?!... Como?!...

Grandefed puxou-o para fora da sala, para um canto, e falou a meia voz.

- Quer saber?! Quer saber?! Que ele não dura!... Nem dura nenhum de nós! A febre veio para acabar com todos! Não se lembra Cloacacola, mês passado? E o Zé Fuska, faz dois meses?...

Benettão apareceu.

- Hilton-Pequeno acordou e quer falar com Grandefed.

O ancião abeirou-se. O jovem doente, de olhos fechados como os de um sábio que se recusa a olhar as chagas do mundo. Só pensando.

- Grandefed... você 'tá aí?

- Descansa.

- Me conta uma história.

- Conto.

- Grandefed... Como era a cidade quando você era que nem eu pequeno e tinha muita barata p'ra brincar?...

Grandefed suspirou fundo. Suspiro cavernoso, tremido. Olhou para o que estava dentro do passado, muito dentro dos relógios de Gessy.

- Antes, tinha gente na cidade... muita gente... As noites eram claras que nem o dia. Tinha vidros cheios de luz de todas as cores...

- Como se... pedaços do sol enfiados dentro do vidro? E podia ser coisa assim?...

- Pois era. E tinha automóveis que andavam pelas ruas, carregando aqueles povos todos.

- Feito ovo-de-anjo, Grandefed?

- Sim... só que não arrastavam ninguém para longe; não levavam as pessoas. Dava para entrar e sair sem impedimento; para ir de um lugar para outro. E havia luz na televisão, também. Era como caixote cheio de mágica... bonito como brinquedo prometido para criança comportada. Todo mundo trabalhava muito para comprar uma... Sempre de olhos fechados, Hilton-Pequeno tudo ia vendo. Lembrança de velho misturada com fantasia de menino.

#### Capítulo 14

---

- E tinha também o sabonete, a máquina fotográfica, o durex, a pasta-de-dente e o cinema... que era uma televisão bem grande que só funcionava no escuro e que tinha que pagar para ver...

Foi Phililcus quem perguntou.

- Por que é que os povos foram s'embora?

- Começou, eu mal tinha nascido, há muito tempo atrás, quando as pessoas ousaram duvidar de Deus...

Todos os presentes fizeram um espécie de sinal da cruz atabalhado e murmuraram uma oração curta. Fez-se pausa e Grandefed prosseguiu, meio alterado.

- A coisa foi acontecendo... acontecendo... Ah!... Mas eu sei muito bem!... Tudo começou mesmo, foi por causa da Ciência!

Dois perguntaram em coro.

- Ciência? O que é isso?

No rosto do velho estampou-se o ódio.

- Coisa ruim, ruim! Quem roubou foi Eva, mais Adão. Depois, a cobra fez ninho na Universidade e foi crescendo... crescendo... e envenenou a alma de suas pessoas. E elas aprenderam coisas que não era para se aprender e as venderam aos demônios... e os demônios usaram os segredos de Deus para seduzir as gentes da cidade. No

começo, ninguém desconfiou, pensando que Ciência era só fazer automóvel andar, luz dentro dos vidros se acender, televisão funcionar mostrando coisas... Mas a Ciência era poderosa... perigo do mundo... Pior que qualquer folha maldita ou qualquer pó branco...

Ao som da reza repetida, a imaginação febril do garoto explodia: automóveis, televisão, luzes coloridas, sabonetes...

Sempre enfurecido, Grandefed continuou.

- ... e o cuidado era de se inventar palavras de uso inventado. E havia quem mandava as gentes sujarem a cidade com as coisas feias-malfeitas e sem uso proveitoso que construíam, e depois diziam: POLUIÇÃO!

Coro de indignação.

- Eles ficavam só olhando enquanto toda a gente ficava louca por causa dos enganos-ilusões... e diziam: NEUROSE!

Coro de indignação.

- E havia quem dava aos cientistas páginas e páginas de livros verdes como a intolerância para que eles criassem máquinas fe-rozes; provocavam vingança nas almas desventurosas e diziam: TERRORISMO!

Coro de indignação.

- E... depois?

- Depois, veio a grande epidemia e as pessoas foram partindo... Também, porque já não mais valor havia em ficar. Aqui, o papel perdera quase toda sua voz. E as multidões foram levadas por grandes ovos-de-anjo para uma terra distante... onde ninguém compra nem vende.

Hilton-Pequeno sentou-se na cama em sobressalto.

- E como é que faz, então?... Pegam as coisas que querem... sem dar papel em troca?!... Pecado, Grandefed!...

- Pois é. Pecado.

- Então, nós é que somos gente certa, que paga tudo certo, n' é mesmo?

O garoto parecia até melhor. Ainda perguntou.

- E por que é que ficaram só as nossas pessoas na Cidade Branca?

- Porque... bem... é que a Ciência foi ficando longe... longe de nós, e nós fomos voltando para Deus... ao lado de quem todos vamos estar, muito logo.

Um demorado coro repetiu *Amém* várias vezes. *Améns* que Deus jamais ouviu. Entre Ele e aquelas almas, estava a cidade que matava, mesmo depois de morta; que matava a vida e qualquer eco seu recalcitrante... Em seguida, sobreveio um silêncio que Elizabethardente cortou.

- Hilton adormeceu de novo. 'Tá tranquilo.

Fez-se nova quietude ao redor. Aí, foi o velho quem falou.

- O menino agora está buscando a paz. Ele descansa e amanhã vai ter a paz. É melhor a gente descansar também.

A comunidade calou-se. Noite profunda. O ruído de um ovo-de-anjo cresceu devagar. Passou. Escondendo os últimos gemidos de Hilton-Pequeno para que Gessy não os guardasse.

Muitos dias passaram. Páginas como as de um livro em branco, porque nada havia para nele se escrever. Noite dessas, Exon acordou suavemente a companheira.

- Gessy!... Chega p'ra cá!...

- Não quero, não!

- Não quer?! Tem que querer!... Você é minha mulher!

- Não quero e pronto! Nunca mais!

- Mas, por quê? Por que, hem?! Responde!...

- Não quero perigar criança... Nunca mais! P'ra quê? Ninguém escapa mesmo da febre do pó!...

Gessy já chorava, Exon zangado. Gessy soluçou mais, e discutiram mais. Almas amigas em breve desmaio. Tanto se mexeram e remexeram que seus corpos recurvados e seus panos, tudo iluminado pela Lua rasante, desenharam uma galáxia pálida ao relento. Duas pessoas tão pequenas e frágeis, tão cheias de riqueza

como a Via Láctea. Miséria e grande mistério, grande tamanho, tudo se atrapalhando na contradição.

Exon estava inquieto porque tinha o que confessar.

- Sabe... Gessy... ontem... conversei com os anjos!...

Ela arregalou os olhos. Pena que estava escuro e ninguém viu seu espanto lindo.

- Você fez o quê?!... Teve coragem?!... Como é que não te levaram?...

- Resisti e eles disseram que eu só ia se queria. Eu disse que não queria e aí eles ficaram só conversando. Falaram que Grandefed mentiu quando disse da Ciência. Contaram que na Terra Feia é tudo bonito...

- E... e depois?

- Depois, eles foram s'embora. Entraram no ovo-de-anjo que deslizou no céu... brilhando muito brilhoso.

Gessy acariciou o companheiro e molhou-o com seu pranto mudo. Exon continuou a falar, olhando para o infinito negro e invisível, com tantas galáxias escondidas, algumas cheias de gentes... talvez.

- Gessy... Estive pensando... Vamos p'ra lá?

- P'ra lá, onde, homem? Lá p'ra cima? Como?

- Não, não!... P'ra Terra Feia-Bonita, procurar remédio... alguma Ciência poderosa que faça Hilton viver de novo...

Amor retorcido e sem sentido. Gasto. Dor no peito que é consciência do inútil e do impossível. Última lágrima dos olhos de Gessy, caindo em seus relógios, enferrujando mais. Tempo cada vez mais parado.

...

Outras páginas do livro sem escrita. Primeiro, a febre branca visitou mais a comunidade; o anjo negro visitou depois. Começou, foi Helenarrubinstâim. Semana passada, foi Phililcus quem não resistiu. Outro dia, Kodallita, Sony-hô e Nestélia. Cityzinha, Benettão e Elizabethardente não demoraram. Fordebigode e o respeitável General Mórtor levados pelos anjos-feios. Aos poucos, foi a vez dos vinte e tantos demais partirem. Quem sobrou foi Exon, mais Gessy, mais Grandefed. Mais ninguém.

...

- Chega, Grandefed! Nós vamos s'embora! Não aguento mais isto aqui.

- Doido! Onde pensa que vão poder chegar? Me diga, hem?...

- Na Terra Feia, feia-bonita! Se a gente não encontrar ovo nenhum por aí, vai a pé mesmo!

Velho Grandefed até deu risada.

- Ha!... ha!... Vocês estão completamente dementes!... Não vão sair daqui, não! Não vão nem alcançar os confins da cidade!

- Não quero ouvir! Estou cansado de mentira! Conversei com eles e eles disseram o que é Ciência. E disseram que dá p'ra viver em muita paz com ela... quem quiser assim! Você disse errado e não merece mais respeito, nem esse Deus que você vive falando!... Nós vamos p'ra lá. 'Tá decidido!

Gessy arrumava as coisas. Estava quase pronta.

- Não... não... Não façam isso!... Não me deixem sozinho!... Gessy... Gessy... me ouça! A Terra Feia é a terra do pecado!... Do pecado, está ouvindo?!...

Ela parou um instante, olhou para Grandefed com muita dó. Em seguida, para Exon. Silenciosa, avizinhou-se do companheiro e começaram a mover-se. Grandefed, tresloucado, procurou detê-los, agarrando o homem pelo braço. Exon livrou-se dele com gesto brusco de sua força forte. E o velho quase foi ao chão. Foram indo. Grandefed ficou branindo a bengala, como espada de arcanjo na porta do paraíso. Só que chamando, ao invés de expulsar.

- Voltem!... Voltem para casa!...

Enfureceu-se tanto. Pegou uma pedra que atirou com toda sua força fraca. A pedra rolou metro e meio adiante, quase carregando-o junto. Cambaleou. Ficou esbravejando feito trovão enquanto Exon e Gessy se faziam manchas diminutas no horizonte. Grandefed tocou a frente com a mão trêmula: estava fria e suada como a frente

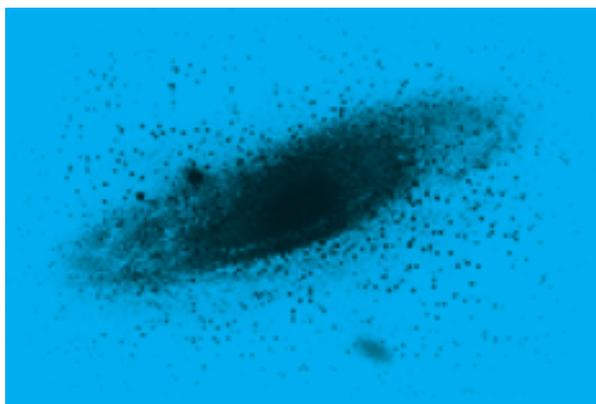
de Hilton na última noite. Bengala caiu-lhe ao chão. Ninguém para pegá-la. Ao tentar, caiu também. Cidade se esfarelando, tudo que ainda não era branco, virando branco. Corpo inerte confundindo-se com as ruínas. Saliva de sua boca exangue misturando-se ao pó. Em resmungo baixo febril, ainda murmurou (só Deus ouviu).

- Cidade maldita!

Sucumbiu.

...

A poucos passos do limite que separava a Cidade Branca do resto do mundo, Gessy desfaleceu e não mais se levantou. Ficou ele a soluçar, debruçado sobre seu corpo quente. Exon nunca chegou à Terra Feia-Bonita.



#### Capítulo 14

---

Cidade do branco adeus  
*opulentia populorum*  
Marcello Giovanni Tassara